

ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS



MARIA JOSÉ NOGUEIRA COELHO DE ALMEIDA

FOTOGRAFIA COMO ARTE DA MEMÓRIA

Belo Horizonte

2013

ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

MARIA JOSÉ NOGUEIRA COELHO DE ALMEIDA

FOTOGRAFIA COMO ARTE DA MEMÓRIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha

Belo Horizonte

2013

Almeida, Maria José Nogueira Coelho de, 1964.

Fotografia como arte da memória: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Maria José Nogueira Coelho de Almeida. – 2013.

62 f. (34)

Orientador: Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Maurílio Andrade.
- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.
- III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Fotografia como arte da memória*, de autoria de Maria José Nogueira Coelho de Almeida, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha - Orientador

Prof. Lincoln Volpini Spolaor

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedico este trabalho àqueles que, ao longo da minha trajetória escolar, viram em mim a possibilidade de ser uma pessoa capaz de contar belas histórias através das imagens.

AGRADECIMENTOS

Ninguém realiza um sonho ou atinge um objetivo individualmente, antes, contamos com pessoas dedicadas ao desenvolvimento de si mesmas e do próximo. Por isso, tenho agora a oportunidade de agradecer, acreditando no ser humano: porque, certamente, muitas pessoas se dedicaram ao cultivo das minhas capacidades e ao despertar de habilidades que eu desconhecia.

Nesse sentido, quero agradecer aos meus pais, primeiros educadores que me ensinaram com carinho e limites que respeito e amor são coisas que ultrapassam a linguagem maternal, ambos avançam para nosso próximo e isso nos torna melhores e mais felizes.

À minha família, esposo e filha, que são meus incondicionais apoiadores e incentivadores de meus estudos.

Aos meus amigos, Vanderlei Mendes e Elisa Nogueira, que, com carinho, auxiliaram-me para execução deste trabalho. À minha companheira de estudo Alexandra Ribeiro, companheira de todos os momentos nesta jornada.

Aos jovens que participaram deste trabalho e colaboraram para a sua execução.

Aos meus mestres desde a Educação Infantil, que me ensinaram o traçado dos primeiros pontos e linhas.

Aos meus alfabetizadores, que me ensinaram que ler é importante para o indivíduo que deseja mudar sua realidade.

A meus mestres de graduação, que me ensinaram como a Educação pode transformar uma sociedade.

E, em especial, aos meus tutores presenciais que, com muita paciência e dedicação, atenderam-me prontamente nos momentos de aprendizado; ao meu orientador que, com brilhantismo, ensinou-me que, apesar das limitações do ensino de Artes na atualidade educacional, temos a capacidade de mudar nossa realidade, e que pequenas atuações produzem grandes resultados.

A todas essas pessoas que participaram da construção da minha história, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivos desenvolver, por meio de pesquisa fotográfica comparativa, a percepção do aluno quanto à evolução e às perdas de coisas e pessoas do seu convívio. Para tanto, buscou-se ensinar noções elementares de fotografia básica aos alunos, como pesquisar a imagem fotográfica e poder detectar as possíveis manipulações. Elegeu-se uma metodologia de pesquisa em ensino de artes visuais que tem por base oferecer subsídios para que um grupo de alunos pudesse desenvolver um trabalho comparativo, pesquisando as memórias através da fotografia. Para a realização deste projeto de artes visuais, era preciso que os alunos tivessem noção de fotografia, do funcionamento de uma máquina fotográfica e da importância de saber utilizar a luz, que é fator primordial para a fotografia. Isso foi feito durante a oficina. Deve-se ter em mente que as fotografias representam pedaços da realidade, o que resta de um passado, é a testemunha de fatos e acontecimentos através do olhar do fotógrafo. A fotografia é uma atividade que deve ser desenvolvida combinando: reflexão (contextualização e pesquisa), apreciação (interpretação das imagens) e produção (tirar fotos). A fotografia promove a interdisciplinaridade no uso das imagens em diversos temas.

Palavras-chave: Arte. Artes Visuais. Fotografia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Variedade de fonte de luz natural - Ronnie Almeida.....	20
FIGURA 2 – Variedade de fonte de luz artificial - Elaine Patrícia	20
FIGURA 3 – Enquadramento - Pollyanna Armond	21
FIGURA 4 – Enquadramento - Agatha Amanda	22
FIGURA 5 – Ausências - Gustavo Germano	23
FIGURA 6 – Foto tirada por Lara Nogueira	25
FIGURA 7 – Foto tirada por Janaina Rocha	25
FIGURA 8 – Foto tirada por Ronnie Almeida	25
FIGURA 9 – Foto tirada por Elaine Patrícia	26
FIGURA 10 – Foto tirada por Ronnie Almeida	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	12
CAPÍTULO 2	16
2.1 A criação da fotografia	17
2.2 Confeção da câmera escura	18
2.3 A oficina.....	18
2.4 Enquadramento	20
2.5 Ausência.....	22
2.6 Experimentando emoções.....	24
CAPÍTULO 3	27
3.1 Considerações finais	28
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXO A	31

1 INTRODUÇÃO

Ao se falar de fotografia, é necessário uma compreensão do que ela constitui como produção humana e fonte para pesquisa. Qual a sua utilidade, o seu leque de possibilidades de análises, bem como suas restrições. Somente a partir desse entendimento é que se podem estabelecer parâmetros e análises sobre a forma de utilizar essa ferramenta como fonte de apreensão, compreensão e produção de conhecimentos, ligando-se a imagem ao texto escrito na busca do conhecimento, ao contrário do que é considerada usualmente, ou seja, como mera ilustração.

Em relação ao uso da fotografia em sala de aula, ela se constitui numa excepcional fonte de pesquisa e incentivo aos alunos. Eles passam a se interessar mais por esse tipo de fonte de pesquisa, que, na maioria das vezes, é relegada a um segundo plano pelos professores. Estes enfatizam apenas o texto, esquecendo-se de que as imagens são auxiliares na compreensão e apreensão do conteúdo e conhecimento que se quer transmitir aos alunos, os quais, de modo geral, pouco ou nunca foram despertados para terem interesse pela análise de fotografias. Da mesma forma, não têm preparo ou paciência para tentar entender as minúcias que as imagens podem nos mostrar.

No primeiro capítulo deste trabalho, foi feita uma abordagem sobre o surgimento da fotografia no Brasil, sua importância no cotidiano das pessoas, a importância dos anúncios publicitários e ideológicos como fonte documental e perpetuação da memória, pois a fotografia constitui um espaço democrático e extremamente investigativo de nossa curiosidade em identificar pessoas e lugares, espaços e épocas. Deduz-se, assim, que toda fotografia é produzida com uma finalidade documental, principalmente a de preservar, congelar momentos. Porém não basta simplesmente olhar uma fotografia e buscar somente na sua imagem desvendar sua história. É necessário alimentar essa busca com informações de signos escritos, enfim, buscar, nos detalhes da foto, informações que forneçam pistas no desvelamento de sua real história. Nesse trabalho de levantamento de informações, é necessário que se tenha uma visão inter e multidisciplinar. Não se pretende ter uma única abordagem ou vertente; é necessário confrontar a imagem com todas as informações que se possam coletar, o que se define como iconografia, que seria o ato de descrever a fotografia, e a iconologia, que busca a interpretação da imagem.

O segundo capítulo apresenta a realização de uma oficina que teve por objetivo auxiliar alguns jovens a conhecerem um pouco sobre fotografia, para realizarem um trabalho baseado no projeto “Ausências”, de Germano, que fotografou pessoas argentinas desaparecidas na ditadura. O trabalho consiste na comparação de fotografias antigas com as atuais. Sabe-se que a importância da fotografia reside também nesse fato: preservar o tempo e o espaço, capturar emoções e sentimentos, aprisionar para a posteridade imagens de uma época e de um tempo que não retorna. Saber valorizar e usar essas imagens no trabalho histórico ou de sala de aula é o grande desafio de quem se habilita a trabalhar com o uso da fotografia para conhecer melhor a realidade histórica, bem como compreender o que se tem e o que se é hoje.

No terceiro capítulo, foi feita a descrição do resultado das atividades desenvolvidas, como os jovens participantes se sentiram ao desenvolvê-las e o que essas atividades acrescentaram em seus conhecimentos sobre a fotografia, além da menção à importância da fotografia no ensino das artes visuais.

A fotografia constitui uma excelente fonte de informação e até de motivação para que os alunos se percebam também como capazes de produzir conhecimento. Dessa forma, o ensino foge dos rituais básicos do ensino regular, que privilegia o aluno capaz de decorar nomes, datas, fatos e acontecimentos, e que tem por objetivo, normalmente, uma prova ou um futuro vestibular. Cabe aos professores lançar mão de uma série de instrumentos que motivem os alunos a estudarem e, ao mesmo tempo, façam com eles se identifiquem neste mundo massificado e globalizado, como seres pensantes e produtores de conhecimento.

CAPÍTULO 1

A fotografia surgiu no século XIX, foi trazida por D. Pedro II e rapidamente se difundiu no Brasil. Ela acabou se transformando numa arte, usada como forma de se enxergar o mundo. A fotografia imediatamente foi apropriada por dois tipos de representação: a privada, com o objetivo de retratar o cotidiano das pessoas, como festas, casamentos, famílias, atividades diárias de lazer ou de trabalho; a oficial, com o objetivo de retratar as realizações dos governantes, tendo uma conotação ideológica.

A imprensa também encontra nas Artes Visuais uma importante ferramenta para despertar a curiosidade dos leitores sobre determinado tema, sendo hoje ferramenta fundamental para, *a priori*, convidar à leitura e, num segundo momento, reforçar a mensagem contida no artigo. Popularmente, surgiu um ditado – “a imagem vale mais do que mil palavras” –, desafiando o observador a desenvolver a capacidade de ver e entender o que a foto retrata. Normalmente, as pessoas se atêm apenas a detalhes da fotografia, como a fisionomia de uma pessoa, porém deve-se observá-la com um olhar de profundidade crítica, buscando as várias linguagens da foto, seja como documento, como representação, como lembrança de uma época. A fotografia se constitui numa forma de expressão das vontades, das aspirações, das realizações, ou seja, como espaço comum de todas as pessoas que têm necessidade de mostrar em imagens a sua história, as suas realizações. Fotos essas que se perpetuam, passando de geração a geração, e ajudam a contar a vida das pessoas, das famílias, e o próprio desenvolvimento da cultura ou as transformações que o homem e o tempo impõem sobre o ambiente. A fotografia como documento ganhou forte apoio do Positivismo, quando passou a ser vista como registro de determinado acontecimento. A fotografia é parceira dos historiadores em reconstruir o passado.

Com a evolução dos tempos, o homem desenvolveu técnicas de deixar relatos de sua passagem pelo mundo, como a pintura rupestre. Ao longo dos anos, várias técnicas foram desenvolvidas para representar em imagens a vida humana e as relações dos homens com a natureza. A imagem acompanha o ser humano desde os primeiros minutos de vida de uma criança, pois é por meio da contemplação de imagens e de sons que a criança passa a reconhecer e a forjar sua identidade. Posteriormente, o imaginário é substituído pelo simbolismo, quando ela passa a

diferenciar as coisas e objetos a partir da observação do mundo a sua volta. Segundo Aumont citado por Martelli (s/d, p. 3), existem três modos para estabelecer as funções da imagem:

[...] - modo simbólico: as primeiras imagens tiveram sua origem na religião, como o culto aos mortos e o desejo do triunfo da vida sobre a morte, apresentando um poder mágico e protetor. A imagem se apresenta como uma resposta à angústia da morte e da desintegração do corpo.

- modo epistêmico: a imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode ser assim conhecido, inclusive em alguns aspectos não visuais.

- modo estético: a imagem é destinada a agradar o espectador, pode se fazer passar por imagens artísticas.

Há, em certas imagens fotográficas, uma comunicação peculiar com tanta vida própria, que, ao olhar e constatar uma dada alteração da ordem natural das coisas, sente-se um choque. Percebe-se nela que há uma conexão que remete o observador a uma sensação que vai além dos conteúdos aparentemente propostos, levando a uma reflexão sobre algo cuja presença se pressente, mas que não está ali fisicamente. Segundo Kossoy (2007, p. 57),

Toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história. Se, enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, mostra-nos como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, ela nos faz imaginar os segredos implícitos, os enigmas que esconde o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo.

Através da documentação fotográfica, preservam-se os momentos, a arquitetura urbana e rural, os ambientes naturais, as realizações materiais, a gente e os seus conflitos, e também a memória individual gravada através de lembranças fotográficas familiares. O tempo não para, não pode voltar àquele mesmo momento. O que se tem é uma recordação de um pequeno instante selecionado e registrado por meio da fotografia.

Ao depararem com os retratos de família, as pessoas se emocionam e veem que o tempo passou. Os momentos felizes e tristes, as festas, os fatos corriqueiros, tudo é passado. Esses retratos de família estão presentes em todas as camadas sociais, econômicas e de diversos lugares, e permitem preservar a memória desses fatos.

A perpetuação da memória é conseguida através das imagens fotográficas, porém esses instantes únicos de registros do passado podem ser interrompidos, podem ser destruídos, quando essas fotografias desaparecem dos pertences pessoais e dos arquivos públicos.

O primeiro tempo da fotografia fixa o acontecimento e paralisa a ação. Se os fatos fazem parte da história de cada um, rememoram-se as lembranças. Se os fatos forem de outras gentes, de outras épocas, cultiva-se a memória dos outros, a memória coletiva, a história. O segundo tempo da fotografia é o da representação, seja como lembrança marcante na vida das pessoas ou como documento iconográfico. O tempo da criação se refere ao próprio fato, no momento em que esse se produz.

As representações são simbólicas na sua mensagem. No seu artefato, quer-se descobrir o que foi vivenciado, as tramas e segredos que envolvem sua gênese, sua realidade interior.

Com as mídias impressas e eletrônicas, os processos de imagem são acessíveis a milhões de pessoas, e as imagens passam a ser apreciadas mais rapidamente. Seu artefato deixa de ser uma etapa; agora a imagem é reproduzida por computadores e outros dispositivos, mas permanece ilesa em sua concepção.

A evidência documental estabelece o vínculo material com o real. Não se pode hoje afirmar sobre a veracidade de uma fotografia, mas, nas primeiras décadas do séc. XX, ela reforçava o conceito de fidedignidade, funcionando como prova de crime nas perícias policiais.

A evidência fotográfica pode ser forjada de acordo com determinados interesses. Ela pode representar uma verdade, como também pode ser acrescida de ficções ou de outras verdades.

A fotografia tem um papel diferente do cinema e da televisão. Ela não precisa do movimento, nem do som, mas consegue ser vista e lida interiormente.

Por meio da fotografia, tem-se a possibilidade de dispor de várias técnicas para gravar e produzir luz de diferentes modos, transformando a imagem em arte, sendo fonte de recordação e de inspiração em diversos matizes.

A imagem fotográfica revela coisas que irão proporcionar recordações de alegrias ou tristezas, trazendo lembranças de um passado, em que as pessoas, seus familiares, amigos, vizinhos, foram protagonistas. Por meio da fotografia, os indivíduos reconstróem momentos importantes do passado em uma pequena fração de tempo.

Eles são transportados a lugares e acontecimentos do quais fizeram parte. Ao congelar pedaços de suas vidas, permanecem crianças, retornam a lugares onde brincavam em sua infância, onde conquistaram e perderam amores, recordam pessoas que não estão mais presentes em suas vidas por terem partido para outros planos espirituais ou simplesmente desaparecido, e surgem outras pessoas que farão parte de suas vidas.

Ao refletir sobre a fotografia, percebe-se que há várias dificuldades em sua análise não verbal, acerca dos perigos de sua manipulação como propaganda política e ideológica, da visão errônea de que a fotografia é a imagem do real, da verdade absoluta; porém o que fica de toda essa reflexão é que ela se constitui num importante documento histórico que pode e deve ser utilizado por todos os que se interessam pela sua análise como fonte de informação, de esclarecimento e de memória.

Nesse raciocínio, defende-se que imagens, notadamente as da fotografia, exercem papel preponderante no processo de apropriação e produção do conhecimento, pois é a partir delas que se desperta a curiosidade, que se lança o desafio para que os alunos busquem a verbalização dessas imagens, motivando-os a se inserirem no processo de produção do conhecimento.

As imagens fotográficas também devem acompanhar todo o processo da aprendizagem, servindo como fontes de observação e análise do conhecimento, ao mesmo tempo em que vão possibilitar aos alunos desenvolver a capacidade de interpretar as informações que chegam até eles, como defende Turazzi (2005, p. 3): “aprender a observar e a interpretar uma imagem fotográfica é, também, aprender a ler nas entrelinhas”.

CAPÍTULO 2

Para algumas pessoas, a fotografia é um ato prazeroso de copiar alguma coisa; já para outros, é a necessidade de prolongar um vínculo com pessoas com quem se teve contato. A foto tem o poder de fazer com que as pessoas fiquem ligadas através da memória, que é um elo entre o passado e o presente. Ela captura o instante, coloca o momento em evidência. Os acontecimentos findam e as fotografias permanecem, muitas vezes tornando-se memoráveis.

Saber ler as imagens é muito importante para que os jovens possam ter uma visão crítica da realidade.

A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Para isso, nada melhor que a realização de uma oficina sobre fotografia, não com a intenção de fazer um estudo sistematizado da fotografia, mas de proporcionar aos alunos alguns conceitos básicos que são fundamentais: luz, ângulo, planos e composição.

Como na Abordagem Triangular de Ensino, sistematizada por Barbosa (1998, p.98), “temos que ensinar os nossos jovens a ler, contextualizar e fazer”.

Os jovens têm amplo acesso ao mundo digital e não têm conhecimentos sobre fotografia como expressão artística, por esse motivo, foi realizada uma oficina sobre fotografia, a fim de que eles pudessem ter subsídios para a realização das atividades de comparação de fotos antigas e atuais.

Participaram desse trabalho adolescentes e adultos, que foram convidados a realizarem esse projeto, sendo eles: Elaine Patrícia, 17 anos; Lara Nogueira, 17 anos; Pollyanna Armond, 12 anos; Agatha Amanda, 12 anos; Janaina Nogueira, 26 anos; Ronnie Almeida, 40 anos. A oficina foi realizada na sala de aula da Fraternidade Espírita Jardim de Oração, cedida pela entidade no período de 12-08-2013 a 16-08-2013.

Num primeiro momento, foi usada como material didático a apresentação do filme *A história da fotografia*, do programa *Grandes invenções*, do History Channel, baixado do site <www.youtube.com/watch?v=gyna1odjjcg>, com o objetivo de mostrar que a fotografia não foi feita por um único homem. No início do século XIX, o desejo artístico, a curiosidade científica e o lucro financeiro impulsionaram a criação da fotografia. Três homens, Joseph Nicephore, Daguerre e Talbot desenvolveram processos e conceitos que possibilitaram a criação fotográfica.

2.1 A criação da fotografia

O Francês Joseph Nicephore foi o primeiro a obter uma imagem fotográfica reconhecida. Em 1826, ele conseguiu capturar a imagem refletida da luz, colocou uma placa de estanho coberta com betume da Judeia, que era um derivado do petróleo, no fundo de uma caixa escura e a expôs à luz. Para a obtenção da imagem, eram necessárias cerca de oito minutos de exposição solar. Sua descoberta recebeu o nome de “Heliografia”, que quer dizer gravura com a luz do sol. Paralelamente, outro francês, Daguerre, também trabalhava com a câmera escura para obter a perspectiva correta em suas pinturas; então houve uma parceria entre Nicephore e Daguerre. Em 1839, Nicephore morreu, e Daguerre descobriu outra forma de obter a imagem da câmera, só que os desenhos, se expostos ao sol, desapareciam. Então Talbot, por ter conhecimento de química e ótica, sabia que a prata era sensível à luz. Ele mergulhou o papel em uma solução salina, depois em nitrato de prata e o expôs ao sol. Conseguiu uma imagem que chamou de “Umbrografia” que é a imagem negativa. Mais tarde, ele conseguiu colocar essa imagem no papel. Ele foi à janela de seu laboratório e tirou a primeira cópia. Daguerre também continuava suas pesquisas e descobriu que poderia fixar a imagem na câmera, de modo que ela não desaparecesse. Chamou-a de “Daguerreótype”, que se tornou popular. Mesmo assim, havia muito empecilho para fotografar. Se não fossem tiradas corretamente, elas falhavam. Além disso, a pessoa tinha que ficar 15 minutos imóvel, os produtos cheiravam mal e eram tóxicos. Mas é o ancestral da fotografia instantânea. Talbot continuou suas pesquisas e conseguiu o aperfeiçoamento e deu o nome a suas fotografias de “Calótipos”, que quer dizer “belas imagens”, em grego. A partir desse aperfeiçoamento surgiram os primeiros retratos.

As câmeras não foram criadas perfeitas, mas, com o passar do tempo, foram sendo aperfeiçoadas.

2.2 Confeção da câmera escura

Em um segundo momento, foi feito com o grupo de jovens a câmera escura, utilizando papel cartão preto e papel vegetal. Eles fizeram câmeras em forma cilíndrica e quadrada. Acharam muito divertido por verem que realmente eles conseguiam visualizar as imagens, só que estavam invertidas.

Fotografar não é apenas apertar o disparador ou clicar um botão de celular; é preciso que haja sensibilidade por parte de quem está atrás da câmera para que os momentos únicos sejam registrados. A qualidade da foto é controlada pela quantidade de luz e um enquadramento bem posicionado.

2.3 A oficina

Num terceiro momento, foi ministrada uma oficina com os seguintes temas: aspectos técnicos, estéticos, sociais e artísticos que permitem discutir algumas características deste meio de representação imagética intrinsecamente relacionada à luz e às maneiras pelas quais se percebe visualmente a realidade. Foi passado um vídeo (que foi apresentado pelo IV Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais a Distância, da UFMG, na disciplina Fotografias e Tecnologias Contemporâneas, no polo de Jaboticatubas/MG), que apresenta a luz como elemento essencial da fotografia e a maneira pela qual ela deve ser usada para dar expressividade às fotos, sendo que existe uma variedade de fontes de luz, como o fogo das velas, os flashes, as lâmpadas, sendo a principal a luz solar, pois é uma fonte de luz pontual.

Quando se ilumina um rosto de frente, a imagem fica mais natural, transmitindo simpatia e serenidade. A iluminação feita de baixo para cima dá estranheza à figura. A iluminação lateral salienta as marcas de expressão. Já a iluminação superior à imagem tem uma aparência enigmática. Na hora de fotografar, tem-se que estar atento à qualidade e à quantidade de luz, bem como à escolha do ponto de vista, à coloração e à direção da luz, pois todos esses fatores modificam a aparência dos

objetos e é o fotógrafo quem decide a quantidade de luz que deve incidir dentro da câmera, se haverá maior ou menor intensidade, conforme o resultado que ele quer obter. Por meio dessas informações, os alunos compreenderam que, independentemente do estado como esteja o céu, podem-se conseguir bons resultados. O que irá variar o resultado é a luz nas fotos. Em dias de céu sem nuvens, tem-se fotografias com uma luz natural mais dura; já em dias nublados, tem-se fotografias com uma luz mais suave. A coloração e a direção dos raios luminosos podem modificar os objetos. A fotometria sugere uma quantidade de luz específica, mas será o olhar do fotógrafo que determinará as relações entre claro e escuro da imagem. Pode-se, nesse processo, utilizar qualquer tipo de câmera fotográfica.

Após o vídeo, foi realizada a prática dos conhecimentos básicos abordados na oficina: a simplicidade, a exploração das linhas e a mudança do ponto de vista e a luz. Para auxiliar, foram usados exemplos de imagens que apresentam diferentes posicionamentos do fotógrafo em relação ao tema e à intensidade da luz. A turma foi questionada a respeito das soluções encontradas e dos resultados obtidos.

Em seguida, um dos participantes escolheu um tema (poderia ser um objeto, um lugar ou uma cena). O exercício foi o seguinte: em casa, cada um produziu três fotos em três diferentes pontos de vista e luz, utilizando o princípio da simplicidade para dar ênfase ao tema. Ao final da experiência, foi pedido que eles trouxessem as três imagens escolhidas. O objetivo foi analisar os resultados obtidos, o que se pode ver nas figuras 1 e 2, a seguir.

Figura 1 - Variedade de fonte de luz natural



Fonte: Fotos feitas pelo aluno Ronnie Almeida, 2013.

Figura 2 - Variedade de fonte de luz artificial (flash)



Fonte: Fotos feitas pela aluna Elaine Patrícia, 2013.

2.4 Enquadramento

No quarto momento, foi entregue aos jovens um texto (Anexo A) tratando sobre a importância do enquadramento. O fotógrafo deverá ver a cena como um todo e é ele quem vai escolher aquilo que interessa ser fotografado. O estudo do texto não foi aprofundado quanto a identificar os tipos de enquadramento, mas apenas para mostrar sugestões para uma boa fotografia, como: não se deve cortar o corpo nas articulações; no caso do tronco deve-se cortar acima ou abaixo do umbigo ou mamilo; na cabeça pode-se cortar no topo, no meio da testa, no meio do nariz, no meio do

queixo e entre o nariz e a boca. Ao recortar uma cena, vai depender da intenção do fotógrafo, mas, no geral, é melhor cortar o objeto que aparece no canto da foto; assim, passa-se a ideia de que a cena continua além da imagem. Apenas com base no enquadramento se pode obter o efeito desejado. No momento de fazer o recorte, deve-se pensar que a harmonia da composição também é muito importante. Então deve-se usar a regra dos terços, que consiste em imaginar duas linhas e dividir o objeto a ser fotografado em três partes iguais, tanto na vertical quanto na horizontal, como se fosse um “jogo da velha”. O ponto de vista do fotógrafo e o enquadramento devem ser ajustados para que cada linha de interesse fique posicionada na linha que divide o terço, ou em sua intercessão. Tudo o que está na parte superior da figura transmite a sensação de leveza, alegria, e o que se apresenta na parte inferior transmite a sensação de peso, tristeza, solidez. Por meio dessa regra, consegue-se fazer boas composições, colocando em evidência o elemento principal da foto. Assim, houve uma discussão com os participantes a partir da suposta simplicidade do ato de fotografar, que pode parecer uma ação muito simples, e talvez o seja, se se considerar apenas o “click” do disparador.

Em seguida, foi escolhido o tema paisagens, para a próxima atividade. O exercício foi o seguinte: cada um produziu duas fotos com enquadramentos diferentes (FIG. 3 e 4). O princípio da simplicidade para dar uma ênfase ao tema também foi abordado.

Foi dado um tempo para que eles fizessem as fotos. Ao final da experiência, foi pedido para que eles trouxessem as três imagens escolhidas. O objetivo foi analisar os resultados obtidos.

Figura 3 - Enquadramento



Fonte: Fotos feitas pela aluna Pollyanna Armond, 2013.

Figura 4 - Enquadramento



Fonte: Fotos feitas pela aluna Agatha Amanda, 2013.

2.5 Ausência

A fotografia tem diferentes funções e transita por diversos caminhos, que vão da simples documentação de fatos até a fotografia artística. Muitos fotógrafos se especializam em determinados segmentos, como a fotografia jornalística, a de paisagens, de objetos, de pessoas ou de moda. Outros se dedicam a experimentos direcionados a fins artísticos. O séc. XX conheceu grandes fotógrafos, como Man Ray, Henry Cartier-Bresson, Pierre Verger e Cecil Beaton. No Brasil, podem-se destacar entre os fotógrafos contemporâneos nomes como Sebastião Salgado, Miguel Rio

Branco, Rosângela Rennó, Arthur Omar. Para que os alunos os conhecessem, projetou-se um *slide show* com variadas imagens dos fotógrafos acima mencionados. Durante o debate, foi comentado que, por trás de toda fotografia, há um olhar muito atento e cuidadoso: o fotógrafo pensa a imagem, define o que quer registrar.

As pessoas utilizam a fotografia para registrar sua família e vida, é o caso do fotógrafo Gustavo Germano, que, com o desaparecimento de seu irmão, Eduardo, com apenas 18 anos, sequestrado em 1976 por agentes do regime militar da Argentina, passou a registrar a ausência dos muitos argentinos anônimos e de seus familiares e amigos. Foram 30.000 assassinados e desaparecidos com a ditadura militar da Argentina. Para mostrar às pessoas o tamanho dessa ausência, em 2008, Gustavo Germano apresentou a mostra de fotografia com o nome de “Ausência”, que, com simplicidade, mas com uma mensagem grandiosa, fez com que ele conseguisse provocar em seus espectadores um grande impacto.

Essa mostra possui uma série de fotografias em formas de dípticos, que foram tiradas antes e no início da ditadura argentina e depois de um espaço de 30 anos (FIG. 5). Em uma delas, são vistos juntos irmãos, familiares e amigos no início da ditadura. Na outra fotografia tirada por Germano, no mesmo lugar da primeira, os mesmos personagens fazem parte do grupo, com exceção dos desaparecidos durante a ditadura argentina.

Figura 5 - Ausências



1973
Mario Eduardo Menendez
Luis María Pirro



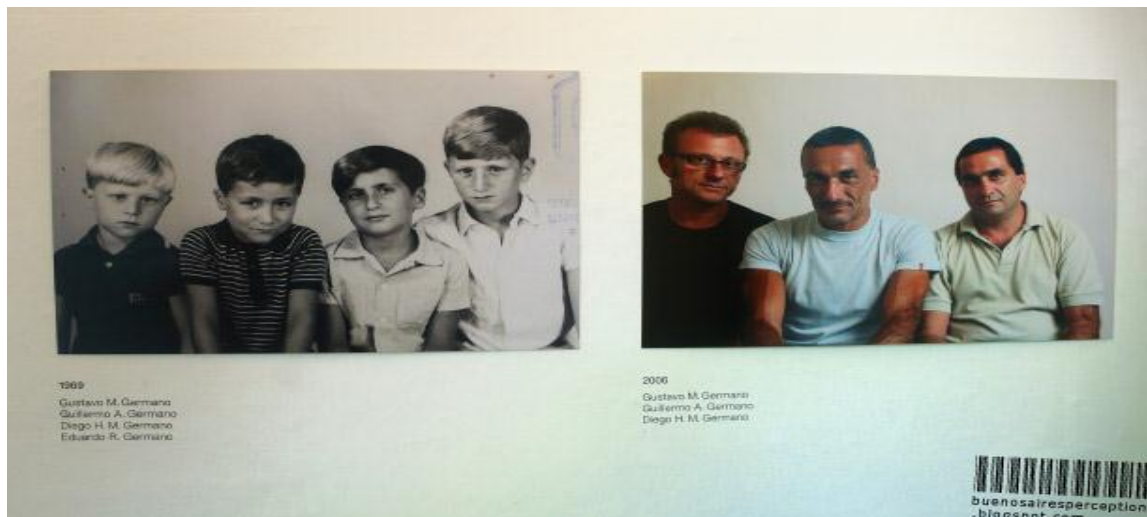
2006
Luis María Pirro



1975
Omar Darío Amestoy
Mario Alfredo Amestoy



1975
Mario Alfredo Amestoy



Fonte: Fotos feitas por Gustavo Germano. Disponível em: <<http://www.gustavogermano.com/>>.

2.6 Experimentando emoções

Baseado no projeto do fotógrafo citado, foi realizado um quinto momento. Os jovens viram o trabalho de Gustavo Germano e, após uma breve discussão, foi pedido que trouxessem fotos antigas de lugares ou familiares para contrastar com fotos tiradas atualmente. Trouxeram fotografias de seus arquivos pessoais e de amigos. Houve a escolha de algumas imagens para a realização do trabalho. Eles tiraram fotos atuais dos lugares e das pessoas, com um enquadramento próximo aos das imagens escolhidas, utilizaram o princípio da simplicidade para enfatizar o tema, fazendo, assim, uma comparação entre as imagens, como mostrado nas FIG. de 6 a 10, a seguir. Perceberam a importância da fotografia e como ela consegue comunicar sem palavras.

Figura 6 - Fotos comparativas de pessoa



1975 Eduardo Nogueira - 10 anos



2013 Eduardo Nogueira - 48 anos

Fonte: Acervo pessoal e foto tirada por Iara Nogueira, 2013.

Figura 7 - Fotos comparativas de uma rua



1990 - Rua Cônego Acácio - São José do Almeida



2013 - Rua Cônego Acácio - São José do Almeida

Fonte: Acervo pessoal e foto tirada por Janaina Rocha, 2013.

Figura 8 - Fotos comparativas de grupo de pessoas



2007 - José Coelho
Pollyanna Armond
Iderlino de Almeida



2013 - José Coelho
Pollyanna Armond

Fonte: Acervo pessoal e foto tirada por Ronnie Almeida, 2013.

Figura 9 - Foto comparativa de uma rua (2)



1940 - Rua Cônego Acácio- São José do Almeida



2013 - Rua Cônego Acácio- São José do Almeida

Fonte: Acervo pessoal e foto tirada por Elaine Patricia, 2013.

Figura 10 - Fotos comparativas de interior de igreja



1996 Pe. Tarcisio



2013 .

Fonte: Acervo pessoal e foto tirada por Ronnie Almeida, 2013.

Capítulo 3

Da afirmação seguinte depreende-se que a fotografia captura, de modo permanente, o presente, para que, assim, a situação ou o instante em que foi registrada se perpetue no futuro por meio das imagens nela contida:

Com a descoberta da fotografia, o homem conseguia, finalmente, “capturar”, a imagem fugidia dos objetos que se formava na câmera obscura. Nada mais perfeito que a natureza “representando-se a si mesma”, sem a intervenção da mão do artista (KOSSOY, 2007, p. 159).

Desde que tenha sido capturada, a imagem não faz parte do presente. Assim, consegue-se congelar alguns segundos desse tempo, com a possibilidade de fixar a imagem através de uma máquina fotográfica. Essa imagem irá ficar eternamente registrada, mas, para que isso possa acontecer, é necessário que se tenha a consciência da importância da preservação dessas imagens. São elas as relíquias que irão contar a história de nossas vidas. Torna-se uma questão cultural para todos aqueles que querem preservar a memória por meio da imagem fotográfica.

Ao assistirem o filme sobre a história da fotografia, os alunos notaram que ela surgiu através de muito trabalho e pesquisa e ficaram impressionados com o fato de Daguerre não ter nenhum escrúpulo para conseguir seus objetivos, mas, por ser um homem de visão comercial, foi muito importante para a descoberta da fotografia. Entenderam o processo de construção da máquina fotográfica e sua importância para o desenvolvimento da humanidade. Notou-se, na exibição do filme, que os jovens de doze anos tiveram um pouco de falta de concentração para assistirem à história, não se interessando muito, mas, mesmo assim, assistiram. Os demais jovens acharam as informações importantes.

Aprenderam a fazer o enquadramento e descobriram que aquela linha do jogo da velha que aparece na tela do celular quando acionamos o ícone para fotografar, são as linhas imaginárias que são utilizadas para fazer o enquadramento e notaram como a luz faz muita diferença na hora de fotografar.

Quando trouxeram as fotografias para serem selecionadas, eles riram muito, acharam muito interessante como eram os lugares e as pessoas, não imaginavam que lugares onde hoje existem casas, comércio, eram quase desertos, nem pareciam os mesmos lugares. Ficaram emocionados quando viram a si mesmos e os amigos

pequenos. Acharam graça ao verem seus pais pequenos, alguns disseram que eles eram fofos e que agora eles estão de cabeça branca. Muitos sentiram saudade ao verem a foto dos que já partiram. Dos amigos conheceram os avós e mães que já morreram.

Observaram que a vida antigamente não tinha o conforto que eles têm hoje, e que, há muito tempo, os carros eram raros, o comércio era pouco, havia muitos animais e plantas. Viram lugares em que seus pais brincavam de futebol e carrinho de rolimã. As casas eram bem diferentes das de hoje. Eles conseguiram, através da fotografia, buscar um pouco do passado e trazê-lo para mais perto de cada um.

Foi uma experiência muito válida. Conseguiu-se com as atividades transmitir a eles que, ao ver uma fotografia, está-se revivendo o passado; que, por trás de uma imagem, há um fragmento da história de alguém ou alguma coisa tirada por uma pessoa que olhou através da lente e colocou a sua interpretação.

3.1 Considerações finais

Com relação ao ensino de Artes Visuais, percebeu-se, com o presente trabalho, a vontade que os jovens têm de aprender a fotografar, ou seja, eles percebem que há lacunas a serem preenchidas e que, para tirar fotos, não é só apertar um botão e click, está pronto. É preciso conhecer melhor essa técnica.

Percebe-se, então, que a imagem é importante para quem trabalha com artes visuais, pelo fato de que as atividades artísticas fazem parte do cotidiano dos jovens, ou seja, o conhecimento os torna mais críticos e capazes de pensar maneiras de solucionar problemas. Ao longo da vida, os indivíduos defrontam com diversas situações que, na maioria das vezes, não são relacionadas com a imagem fotográfica em si, por exemplo, mas com o pensamento artístico. O ensino de Artes Visuais, além de prazeroso e enriquecedor, relaciona-se com a estética, a liberdade de criação, a percepção e os modos de ver o mundo. Como foi visto no decorrer deste trabalho, há ainda um longo caminho a ser percorrido, pois, sabe-se que nem todo mundo consegue tirar boas fotos. Viu-se que os jovens, mesmo com pouco conhecimento sobre fotografia, tentaram fazer o trabalho da melhor maneira possível.

As atividades propostas neste trabalho incluem-se no campo das Artes Visuais. A realização da oficina deixou a desejar em alguns aspectos, como na compreensão

dos limites dos trabalhos realizados por crianças e adolescentes e nas excessivas intervenções em suas produções, o que, contudo, não comprometeu o resultado final.

Trabalhar esta área do conhecimento proporciona estímulos para o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico dos jovens, aproveitando as imagens e os espaços disponíveis a favor do conhecimento em Arte. Constitui, enfim, um dos muitos e importantes desafios postos aos professores de Artes Visuais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: Cortez, 1998.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Disponível em: <<http://historiaaberta.com.sapo.pt/lib/fragmsel02.htm>>. Acesso em: 20 Set. 2013

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. 9. ed. São Paulo: Papyrus, 1993.

FOTOGRAFIA NA ESCOLA. *Ampliando olhares*. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=69>. Acesso em: 23 set. 2013.

FOTOGRAFIA NA SALA DE AULA. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/orientacoes/%20.htm>>. Acesso em: 23 set. 2013.

GERMANO, Gustavo. *Ausências*. Disponível em: <<http://www.gustavogermano.com/>>. Acesso em: 23 set. 2013.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia*. São Paulo: Dash, 2007.

KOSSOY, Boris. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Dash, 2009.

MARTELLI, Josyanne Milléo. PUCPR. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/josyannemilleomartelli.pdf>>. Acesso em: 20 Set. 2013

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar. *An. mus. paul.* [online]. São Paulo, v.13, n. 1, Jan./June 2005.

REVISTA NOVA ESCOLA. *Olhar fotográfico*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/olhar-fotografico-fotografia-luz-enquadramento-angulo-538560.shtml>>. Acesso em: 23 set. 2013.

ANEXO A

ENQUADRAMENTO DE IMAGEM

(Pierre et Gilles, em 27/09/2010, para *Fotografia fácil*)

É importante saber como podemos cortar nossas fotos e, para isso, existem algumas regras simples a serem seguidas. Como em toda regra existe exceção, você pode conseguir boas fotos fugindo das dicas apresentada aqui. Mas, em caso de dúvida, siga o roteiro apresentado neste post e tenha a garantia de não errar no enquadramento.

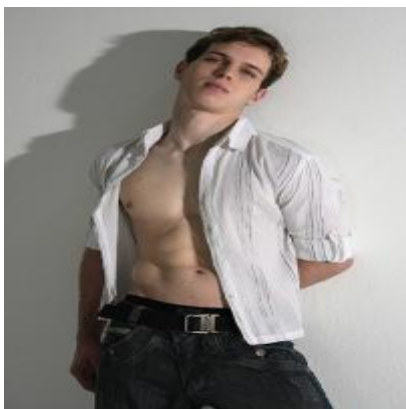
Recorte do Corpo

A dica aqui é muito simples: nunca corte o corpo de uma pessoa nas articulações. Ex.: joelho, punho, cotovelo, tornozelo, etc. Isso faz a pessoa parecer amputada, maneta, pernetá...

Para fugir a essa desagradável sensação a dica é sempre cortar o corpo entre as articulações. Assim, é permitido cortar no meio da perna, no meio da coxa, no meio do antebraço e no meio do braço. É claro que quando eu digo no meio, isso não significa exatamente no meio do membro. Pode ser um pouquinho pra cima ou pra baixo. O importante é nunca ser na articulação.

No caso da barriga, corte acima ou abaixo do umbigo, mas nunca exatamente sobre ele. A mesma regra serve para os mamilos.

Veja os exemplos a seguir, na primeira foto o modelo foi cortado no meio da coxa; já na segunda foto, temos um enquadramento mais ousado, em que a modelo foi cortada em diversos locais. Contudo, observe que em nenhum momento fugiu-se a regra. Os cortes foram feitos todos entre as articulações dos membros.



Recorte da cabeça

Existe a ideia de que uma foto bem feita é aquela em que não se corta a cabeça do modelo. Bobagem! Pode-se cortar a cabeça à vontade, desde que se corte nos locais certos. Para isso, a regra é muito simples. Podemos cortar a cabeça nos seguintes locais: topo da cabeça; meio da testa; meio do nariz; entre o nariz e a boca; e meio do queixo. Em outras palavras, só não podemos cortar a cabeça na altura dos olhos e da boca. Veja os seguintes exemplos:

Abaixo temos uma foto muito clássica. Perceba que o corte no topo da cabeça não prejudica a imagem. Contudo, o corte na cabeça só faz sentido se a pessoa estiver enquadrada em primeiro plano, ou seja, preenchendo toda a imagem. Note que nesta foto os ombros também foram cortados. Não teria sentido fotografar a pessoa de corpo inteiro só com o topo da cabeça cortada.



Neste segundo exemplo a modelo foi cortada na altura da testa. A imagem continua bastante natural. De novo, só faz sentido cortar a testa desta maneira se a pessoa estiver enquadrada em primeiro plano.





Neste terceiro exemplo, o enquadramento está bem mais fechado. Perceba que as modelos tiveram seus rostos bastante cortados. Contudo, os olhos e a boca foram preservados.

Neste quarto exemplo já temos um plano detalhe. Não vemos o rosto todo da modelo. Entretanto, perceba que o corte da imagem não foi feito a esmo. O rosto foi cortado no meio do nariz e os braços foram cortados entre as

articulações.



Por fim, temos um exemplo de plano bem fechado. A boca até foi cortada no canto esquerdo, mas isso não compromete a imagem, já que a regra de não cortar a boca se refere a cortá-la horizontalmente na linha de divisão dos lábios.



Recorte da cena

Existe uma diferença enorme entre deixar os objetos da cena aparecerem inteiros na foto ou deixá-los vazarem para fora da imagem. Neste caso não

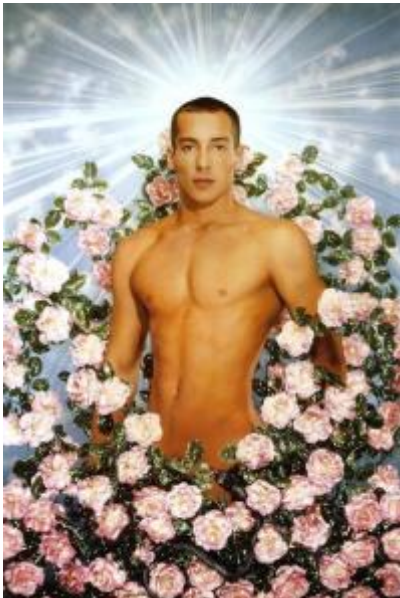
existe certo e errado, tudo depende da intenção que você tem com a foto. No geral, o que posso dizer é que, se tratando de um cenário, o melhor é cortar os objetos que aparecem nos cantos da foto. Assim, temos a impressão de que o cenário continua além da imagem, ou seja, de que ele é grande. Caso contrário, se enquadrarmos todos os objetos inteiros na foto, fica evidente de que o cenário é só aquilo que aparece, o que pode dar uma sensação de pobreza ou pequenez.



Veja esse primeiro exemplo acima. Perceba que todos os objetos estão cortados: o livro, o abajur, a janela com a cortina e o rapaz dormindo. Isso dá a sensação de que o quarto é grande, de que existem outras coisas fora da foto que não foram mostradas. Ainda temos a sensação de que a mesa sobre a qual está o livro também é grande e que devem existir outros objetos ali além do livro. Além disso, cortar o livro e o abajur dá a impressão que esses objetos estão mais próximos e a cena, neste caso, fica dividida em dois planos distintos: o primeiro onde estão os personagens de brinquedo e o segundo onde está o rapaz.



Neste segundo exemplo vemos uma pessoa atacando a geladeira de madrugada. Perceba que nenhum alimento aparece por inteiro na foto com exceção dos potes que estão na porta da geladeira. Cortar os alimentos em primeiro plano faz parecer que tem mais comida na geladeira, que tem tanta comida que nem coube na foto.



Por fim, veja esse exemplo de Pierre et Gilles. O conjunto de rosas que rodeia o modelo se estende para além da foto. Isso faz parecer que existe um número muito maior de flores, porque não sabemos até onde elas vão. Contudo, podemos intuir que, na verdade, as rosas não eram tantas assim, pois não teria necessidade encher o cômodo todo de rosas para tirar a foto, se só com um pouco já conseguimos o efeito desejado apenas com base no enquadramento.

Para finalizar, no momento de fazer o recorte da imagem pense também na harmonia da composição.